

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
BRASILEIRO,

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

SOB OS AUSPICIOS DA

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECCÃO DE S. M. I.

O SENHOR E. PEDRO II.

TOMO SETIMO.

Hoc fecit, ut longes durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

Segunda edição.

BIBLIOTHECA
DA
INSTITUTORIA ESPECIAL DE FRONTEIRAS



RIO DE JANEIRO

Typographia de João Ignacio da Silva,

RUA D'ASSEMBLEA N. 91.

1866 E. F.

BIBL.

CARCA

Ecl. nº de 1 193

Valor

Nº

dente fará também extrahir de uma urna programmas de historia e de geographia, que ahi se tenham recolhido para serem tratados nas discussões, tanto por escripto como verbalmente, por aquelles socios que disso quizerem occupar-se, mediando todavia quinze dias da extracção do programma ao desta polemica.

Art. 33.º Todos os socios são obrigados a assistir ás assembleas geraes; mas, incumbe mais restrictamente aos que compoem o conselho administrativo o frequentar as sessões economicas, nas quaes, podendo todos discutir, só votarão symbolicamente nos objectos administrativos os membros do conselho; e nos scientificos, quaesquer socios que presentes se acharem.

Art. 34.º A assemblea geral julgar-se-ha habilitada para exercer as suas funcções quando se acharem reunidos o presidente ou um dos vice-presidentes, o secretario perpetuo ou adjunto, o thesoureiro, o orador e alguns membros das commissões, uma vez que, com a necessaria anticipação, se tenha annuciado a sua reunião por algumas folhas publicas desta capital.

Art. 35.º O conselho administrativo considerar-se-ha legitimamente reunido quando á hora marcada houver quem o presida na fórma do artigo 14; e esteja presente o secretario adjunto, e tres ou mais membros das commissões.

Art. 36.º Todas as sessões do Instituto serão avisadas por um dos jornaes da corte. Os socios tem direito a um exemplar da *Revista trimensal*, e o mandarão receber quando annunciada a sua publicação no logar que então fôr designado.

Art. 37.º Os socios terão faculdade de ler na bibliotheca do Instituto as obras que ahi forem depositadas, não só impressas, mas também em manuscrito, fazendo dellas os extractos que precisarem, mas nunca levando essas obras para fóra da casa em que estiverem arrecadadas.

HISTORIA

DOS

INDIOS CAVALLEIROS OU DA NAÇÃO GUAYCURÚ.

Escrepta no Real Presidio de Coimbra por Francisco Rodrigues do Prado,
commandante do mesmo.

Em que descreve os seus usos e costumes, leis, allianças, ritos e governo domestico, e as hostilidades feitas a differentes nações barbaras, aos Portuguezes e Hespanhoes, males que ainda são presentes na memoria de todos. — Anno de 1795.

(Tradadado de um manuscrito offerecido ao Instituto pelo socio correspondente José Manoel do Rosario.)

E' a nação Guaycurú errante como todas as outras nações selvagens que não cultivam a terra, nem permutam com os outros povos os seus generos e fructos: ella sempre habitou nas margens do rio Paraguay, que tendo suas primeiras fontes pela latitude austral de 13 grãos, e fazendo contravertentes com as cabeceiras do rio Tapajoz (grande braço do Amazonas), corre ao sul na extensão do seu curso total de 600 leguas, até ir entrar no mar com o nome de Rio da Prata, onde tem quarenta leguas de bocca pela latitude de 35 grãos e minutos. Esta nação habita pelo lado oriental do Paraguay desde a latitude de 19 grãos e 36 minutos.

Todo este vasto terreno é cortado de pequenos rios navegaveis por algumas leguas, e que vão desaguar no Paraguay: são estes o Imbotatui, hoje chamado Mondego, que está na latitude de 19 grãos e 28 minutos; o rio Queima, que podemos suppor foi chamado pelos antigos sertanistas Teriri; o rio Tipoti, o rio Branco, o da Lapa, e o Queidavau Ipané, que está na latitude de 23 grãos e 36 minutos.

Pela latitude de 21 grãos e 29 minutos está o logar propriamente chamado Fecho dos Morros, porque pelo lado oriental desde a margem do rio principia uma cadeia de montanhas, que se estende para o centro do paiz, fazendo em partes algumas pequenas quebradas, que facilitam aos

Guaycurús o irem fazer guerra aos gentios chamados por elles Cayavaba, e por nós Coroados, que habitam as cabeceiras do Mambaya, rio que vai misturar as suas pobres aguas com as do Rio Grande ou Paraná. Algumas vezes os Cavalleiros investem aos gentios Caupezes, que moram em casas subterraneas, e conta-se que desde a primeira idade começam a puxar a pelle da barriga, até que chega a cahir pelo meio das côxas, e este é o unico vestido que usam para cobrir as partes que a natureza e o pudor mandam occultar. Tambem perseguem o gentio que appellidam o Pacaleque, e os sertanistas Cambeva, que tem a cabeça á maneira de mitra, e moram nas cabeceiras do rio Imbatetui. Perto d'elle e pouco apartado das serranias que formam o Fecho dos Morros está um alto monte, que pela sua figura conica chamaram, na demarcação passada, Pão d'Assucar. De outro lado do rio segue por alguma distancia uma serie de montes, que acabam de formar o Fecho do Paraguay.

Os campos são abundantes em pastagens: nelles se criam muitos cervos, veados e porcos, que lhes servem de alimento; lobos, onças e alguns animaes de raça pequena, dos quaes todos aproveitam os couros para camas e vestidos. Tem poucos mattos, e as serras são cobertas de uma penedia calcarea, na qual se vêem pedras distinctas e de ramificações diversas. Cria-se alli sem cultura o carmin; de que os Indios se servem para tingir as pennas dos seus enfeites.

As aves aquaticas são de diversas classes, e tantas que escurecem os ares quando voam, e cobrem a terra se nella pousam; de qualquer fórma fazem uma agradável vista com a diversidade de côres das suas pennas, e a carne de muitas é deliciosa ao paladar. Pelo lado occidental habitam os Cavalleiros a margem do Paraguay, por não ter rio que penetre o interior, desde a latitude de 20 grãos até abaixo da cidade de Corrientes. Estes Guaycurús ou Cavalleiros são reconhecidos por diferentes nomes: aos que habitam na latitude de 21 grãos chamam os Hespanhões *Cambús*. O seu principal capitão, que terá 60 annos de idade, tem seis pés e meio de altura. Os que vivem nos terrenos que fazem frente a Villa Real e á cidade da Assumpção denominam-se *Lingous*, e quando vão infestar

a cidade de Santa Cruz de la Sierra são alli conhecidos por *Xiriquanos*.

Antigamente os Cavalleiros senhoreavam mais vasto terreno, o qual pouco a pouco foram perdendo com as povoações que formavam os Portuguezes e Hespanhões, estes forçando as correntes do Paraguay, e aquelles acompanhando as suas aguas.

Os primeiros que deram noticias destes barbaros foram os antigos Paulistas; e já os encontraram senhores de grandes manadas de gado vaccum, cavallar e lanigero.

Não se sabe o tempo em que houveram estes animaes; pôde bem suppôr-se que os não houveram por permutação, por terem na sua lingua nomes proprios, tendo aquelles que os tem havido de nações civilisadas conservado o nome proprio que tem entre as nações de quem os houveram. Com os cavallos se fizeram temiveis aos outros selvagens, e os mesmos Paulistas, que não sahiam ao sertão senão com grande levada, receavam encontral-os em campo limpo, pelo modo com que eram accommetidos. Tanto que os Guaycurús os viam, ajuntavam os cavallos e bois, e cobrindo os lados, os apertavam de sorte que, com a violencia com que iam, rompiam e atropellavam os inimigos, e elles com a lança matavam quantos encontravam diante. O unico remedio que tinham os Paulistas para escapar era o metterem-se no matto; e amparados das arvores, a tiro os derrubavam a seu salvo. No que praticavam os Guaycurús seguiam o uso da antiguidade; pois já o gado foi causa de Amílcar ser vencido pelos Vetões, e da salvação de Annibal nos desfiladeiros junto a Caselino quando estava cercado pelo dictador Fabio. Nem era mais domestico o dos negros da aguada do Saldanha, que matou o primeiro vice-rei da India D. Francisco de Almeida; pois estando os animaes dos Guaycurús soltos a pastar, com um certo assobio se ajuntam de tropel para a parte donde o ouvem.

A nação Guaycurú se divide em tres partes: a primeira é a dos nobres, a que chamam *capitães*, e as mulheres destes *donas*, titulo que tambem tem as filhas; a outra parte chamam *soldados*, que obedecem de pais a filhos; e a terceira, que é mais consideravel, é a dos *captivos*, que assim chamam a todos aquelles que apanham na guerra, e a seus descendentes, aos quaes tratam com muito amor, sem os obrigar a fazer tra-

balho algum. Ha porém a circumstancia de reputar-se vileza casar com escravo, a ponto de que o filho despreza a mãe que casou com escravo.

Apezar de ser esta nação numerosa, e de alguma familiaridade e correspondencia que com ella tenho, não pude ainda calcular o seu numero, e por isso só direi que não é tão numerosa como se suppunha.

São os Cavalleiros de uma cor mais escura que a de cobre, e de estatura alta, tanto que entre elles ha homens de seis pés e meio de altura, bem feitos, involtos em carnes, capazes de resistir á fome e á sede, e endurecidos ao trabalho de uma maneira ineffavel; e são tambem notaveis pelo costume de arrancarem as sobrancelhas e as pestanas. Nos gestos de todos respira robustez e um estado perfeito de saude.

Talvez se deva attribuir a saude que gozam á summa dieta que guardam nas suas enfermidades, comendo sómente um pouco do amago de uma especie de palmeira chamada por elles *carandá*. A sua digestão é perfeita, para o que concorre muito o vagar com que mastigam o comer, levando por este modo muitas particulas de saliva ao estomago; assim, muitos delles chegam á extrema velhice. No anno de 1793 vi no presidio de Coimbra um velho tão carregado do peso dos annos que mal se tinha de pé encostado em um bordão; porém com a memoria tão fresca de quanto tinha visto e passado na vida, que parecia outro *João dos Tempos*. Não se sabe entre elles o que seja escorbuto, nem tem lembrança de mortes repentinas; o que pôde provar que todas são causadas por constipação, visto que estes povos nascem e vivem ao ar, sempre desarroupados.

São raros os defeitos do corpo: vê-se algum cego, porém nenhum calvo. Em quanto aos cabellos, uns os tem crespos, outros lisos e corredios. Os dentes são mal postos e denegridos; porém a maior parte os conservam até á morte. Pensando eu qual seria a causa da má postura dos dentes, vim a conhecer que é por não tirarem os dentes aos meninos ao mudar, o que não fazem pelo demasiado mimo com que os tratam.

Este povo conserva um ar de semelhança, o que já se observou entre os *Judeos*, os *Guebres* ou *Guaris*, cha-

mados nas outras éras os *Parcis*, e nos *Vaudalos* &c. Todos conservam, estando quietos, um semblante melancolico, como bem observou o Ill.^{mo} Sr. Balsemão dos outros selvagens da America, como refere Robertson.

As mulheres envelhecem muito breve em carnes, e tanto ellas como os homens, na idade avançada, ficam com a pelle muito enrugada. Vivem os homens nus, e são os seus enfeites de plumas e de pennas que trazem na cabeça, nos pulsos e nas pernas. Usam cinta de algodão tinto da largura de um palmo, e depois que tiveram communicação com os Hespanhóes se cobrem de contas de diversas cores, com as quaes fazem diferentes labores. Tem o beijo de baixo furado, e nelle mettido um páo da grossura da metade de uma penna de escrever, e do comprimento de um terço de palmo; os mais ricos trazem-no de prata: e nas orelhas trazem meias luas de prata, isto ha perto de 208 annos; tempo em que mataram um filho do Portuguez Aleixo Garcia, com mais alguns, que deixou com bastante prata do baixo Paraguay, quando vinha o dito Garcia dos serros do Potosi, o que deu causa ao engano que os Hespanhóes tiveram de chamarem Rio da Prata, por toparem os Indios com algumas porções della.

Pintam todo o corpo com a tinta de duas fructas silvestres chamadas urucú e genipapo; e na pintura guardam bastante symetria. No cabello, os moços não tem uso certo; mas todos os velhos trazem a cabeça rapada em roda, á semelhança dos leigos franciscanos.

As mulheres nada tem daquella graça ingenua da Eva de Milton: a cara larga, e as grossas tintas com que se pintam, as fazem desagradaveis á nossa vista; mandam-se picar com espinhos na testa, formando linhas que principiam na raiz do cabello e vem acabar sobre as palpebras dos olhos, na face e na barba, onde formam um xadrez, e dão logo com tinta de genipapo, com o que se conservam toda a vida pintadas de cor cinzenta; e as donas tambem fazem nos braços uns quadrados, soffrendo em todas estas occasiões cruéis dores. Andam envoltas dos pés até o pescoço em um grande panno de algodão, o peso do qual lhes faz cahir cedo os peitos, que são tintos de cor avermelhada com listas brancas, negras e roxas: as mais acieadas

trazem nelles unittas rodinhas de conchas, postas com a madreperola para fóra e seguras com linhas, formando diferentes vistas. Trazem tambem debuxada a marca do seu cavallo; o que fazem ainda no proprio corpo. Antigamente usavam de pelles de veados. Debaixo do panno trazem uma especie de tanga, a que na sua tosca lingua chamam *ajulate*, cousa que desde que nasce uma menina nunca se verá sem ella. Este uso devia servir de modelo a muitas mulheres, que tendo a felicidade de nascer debaixo de uma religião santa, como é a catholica (que professo), fazem garbo da desnudez.

Os adornos são canudos de prata enfiados em linhas, que trazem ao pescoço, contas nos pulsos e nas pernas, e uma chapa de prata no peito, para a feitura da qual lhe serve uma pedra de safra e outra de martello. Na sua primitiva usavam os canudos, contas e meias luas de pão, como ainda hoje algumas trazem. Usam a cabeça rapada até as entradas toda em roda, ficando coberta de cabello a parte a que chamam *molcira* (cabellos que cortam de menor a maior), que terá tres dedos de alto no ciucipite. Com estes rústicos enfeites mostram que este sexo, ainda no centro da barbaridade brutal, parece se não pôde escusar de ser tributario do luxo e da vaidade. Por sempre andarem embarcados ou a cavallo, tem os pés mimosos; o animo é terno e compassivo, tanto que, estando de visita os Guaycurús no presidio de Coimbra no anno de 1791, vendo subir á corda volantina, começaram um excessivo pranto, suppondo que aquelle homem, por violentado, se punha em tanto risco. Criam toda a especie de animaes e passaros bravios, com tanto cuidado e desvelo como pôde ser que não tenham no hospital dos passaros de Cambaya. As mulheres são assistidas muito cedo; e a primeira vez que vem a evacuação mensal, fazem grandes festas, porque então só se julgam capazes para o matrimonio. Tem este povo uma grande propensão para tecer, e contra a antipathia dos mais selvagens mostra um summo prazer em ver cousas estranhas, e com muita attenção examina até a minima circumstancia.

O Guaycurú faz escolha da mulher com que quer casar, e depois a pede ao pai, que, si a concede, o faz dormir

com a noiva a primeira noite junto a si, sem que tenham ajuntamento carnal; e ao outro dia entrega-lhe a filha, sem mais dote que seus poucos enfeites, tendo de ser herdadeira em igual parte com os irmãos nos cavallos e captivos que o pai deixar por sua morte.

É costume entre elles vir o marido para a casa da mulher, e o pai e mãe nunca mais fallarem ao genro. Seguem no matrimonio os antigos Romanos, isto é, casam-se com uma só mulher, e fica ao alvedrio de ambos os consortes poderem separar-se e contrahir nova alliança, quando não são contentes um do outro; mas estas separações bem raras vezes se vêem: parece que os domina o sentimento de que um vinculo, a que acompanha a inclinação, e que o gosto faz agradável, deve ser indissolúvel.

O marido ama ternamente a mulher: é verdade que bem pago fica, pois ella tem um desvelo excessivo em o agradar, tanto que, em se sentindo pejada, mata a creatura no ventre para que durante a criação da próle o não incomode; isto em quanto ellas não passam a idade de 30 annos, porque depois se concebem, e felizmente parem, os criam. Dizem que este costume é entre elles antigo, mas eu penso pelo contrario; pois conhecendo 22 capitães, que terá cada um perto de 40 annos de idade, e sendo todos casados, só um tem uma filha, razão que me faz suppôr que esta nação vai acabar-se, e que nella está esquecido um dos primeiros sentimentos da natureza, porque todas as cousas tem tanto amor á conservação do seu proprio ser, que quanto lhe é possível trabalham ao seu modo por se fazerem perpetuas. Cada uma dellas tem em si mesmo uma virtude generativa, com que ficam conservadas em sua propria especie, e os animaes se delectam, digamos assim, em verem-se reproduzidos nos filhos e netos. Pôde ser tambem que a causa de matarem os filhos no ventre seja o costume, que entre este povo ha, de não ter communicação o marido com a mulher durante a prenhez e criação dos filhos.

A anecdota seguinte dará a conhecer o excesso com que as mulheres amam a seus maridos. Entre os Guaycurús, que habitam no lado oriental do Paraguay, vivem dous capitães que foram muito amigos; um delles tem um filho chamado Panenioxé, outro uma filha que se chama Nanine.

Estas duas crianças desde a primeira mocidade tomaram inclinação um para com a outra: o tempo, em vez de enfraquecer, vigorou as paixões, e por fim tiveram o prazer de se verem unidos. Assim viveram alguns annos, e no de 1791 vieram ao presidio da Nova Coimbra, onde o moço Panenioxé se distinguia pelo seu talhe e presença engraçada, e a rapariga Nanine por sua formosura e genio jovial. Mas, seguindo a ordem das cousas humanas em que nada é permanente, Panenioxé se desgosta da sua amada e se aparta; ella o procura, mostra-lhe a sua sem razão, sua pouca fé, e contudo elle persiste na sua resolução, e se retira para a aldeia do capitão Negro, que mora do lado occidental do Paraguay. Desde aquella hora cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia; sendo seus olhos sempre chorosos, procurava encobri-los até ás suas mais intimas amigas. Assim se passaram tres mezes, quando um dia, estando deitada na sua rustica cama, lhe deram a noticia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esphera. Senta-se então Nanine na cama, como arrebatada, chama para junto de si um pequeno Indio, que era seu captivo, e diz-lhe na presença de varios antecrises: « E's meu captivo, dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarás toda a vida Panenioxé. » Então seus olhos deixaram correr diluvios de lagrimas pelas suas tristes faces, que ella de envergonhada quiz occultar, mas o amor offendido não permittia. Parece que esta violenta contenda de duas poderosas paixões lhe motivou uma febre ardente, com a qual ao outro dia perdeu a vida. Quando já o espirito fazia os ultimos esforços para desprender-se do ergastulo do corpo, as ultimas palavras que se lhe ouyiram dizer foram—*Lacáquebielle Panenioxé*—que quer dizer—ingrato Panenioxé! Pouco tardou que o rumor desta immatura morte não chegasse aos ouvidos do desleal marido, que não deixou nessa occasião de dar mostras de que tinha um coração.

Entre os Guaycurús ha homens que affectam todos os modos das mulheres; vestem-se como ellas, occupam-se em fiar, tecer, fazer panellas &c. A estes chamam *cudinas*, nome que dão a todo o animal castrado; e verdadeiramente elles são as meretrizes desta nação, que faz uso do peccado

amaldiçoado por S. Paulo, e outros que impedem a propagação humana.

As familias vivem em casas portateis, cobertas de esteiras de uma especie de junco, abertas pelos lados. Quando chove a esteira começa a vasar; esfregam-na por dentro com vassouras, e assim vedam de alguma sorte a agua. Dormem sobre pelles de animaes e dous pequenos feixes de palhas. As mulheres fazem travesseiros, e cobrem-se com o panno e com esteiras feitas de entre-casca de certas arvores ou couros de veados. Comem todos os animaes silvestres, jacarés, sucrys, e todos os pescados e sevandijas; castanhas, palmitos, e algumas batatas bravias, tudo assado ou cozinhado com bastante *sordicie*, sem outro tempero que o que lhes dá a fome.

Nesta miseravel vida vivem satisfeitos, sem appetecerem as delicias de Capua, nem os thesouros de Creso. As moças não comem muitos animaes que os homens, as velhas e as meninas comem. Os homens cuidam na caça e na pesca, em tirar carandás e palmitos, nos cavallos e na guerra: as mulheres fiam algodão, tecem pannos e cintas, fazem cordas, louça e esteiras. No mister da cozinha são occupados os dous sexos igualmente: comem quatro ou cinco vezes desde que nasce o sol até que é posto, e passam toda a noite sem comer. Os intervallos de uma a outra comida levam-os no regaço das mulheres; e ellas se occupam em arrancar-lhes os cabellos da barba, das sobrancelhas e pestanas, e em pintar-lhes o rosto e o corpo; outras vezes os maridos fazem ás mulheres os mesmos serviços. São fieis e verdadeiros nos seus contractos.

Quando a noite é clara, ajuntam-se os rapazes e raparigas a brincarem na frente de seus pobres toldos. Brilham nos divertimentos uma candida alegria, tendo elles alguma cousa de ferozes, como vou descrever.

Seis homens forçosos pegam em um panno daquelles em que se envolvem as mulheres, e estendido mandam assentar-se em cima um menino; depois começam a sacudir o panno, e todos dão a um tempo sacudimentos, impellido dos quaes vai o rapaz aos ares com summa violencia, e com a mesma volta abaixo, cahindo sobre o panno na posição que succede; e ao mesmo tempo torna a ir acima, movendo a um coração humano mais lastima que divertimento. As mu-

lheres, pegando umas nas mãos das outras, fecham um circulo, e depois sahe uma a correr em roda com muita ligeireza; no meio da carreira uma das do circulo, estendendo um pé para trás, embaraça a outra e a faz ás vezes levar lastimosa queda; a que cahe vem para o lugar da que a derrubou, e esta vai levar um tombo talvez ainda maior.

Algumas vezes dividem-se as mulheres em dous bandos, e de cada um delles sahe uma a descompor de razões ao outro bando, e aquella que diz mais nomes injuriosos fica vencedora e applaudida por grandes risadas. Depois passam ao pugilato, com o qual os homens acabam as suas contendas, e jámais usam de armas nas brigas domesticas. Nenhum uso fazem do canto, mas ao ouvirem os Portuguezes cantar com melodia ficam quasi extaticos; e nos cantos saudosos muitas vezes as mulheres deixam correr lagrimas: tal o poder da musica, inda naquelles povos em que só obra pelo estímulo do ouvido! Nas festas correm cavalladas; as mulheres que são acciadas botam sobre pequenos feixes de palha, que lhes servem de sella, um panno de cinco palmos em quadra, pintado de contas e conchas, o qual serve de charel e capelladas; a cabeçada é toda guarnecida de pedaços de arame de hácia, que tem tres dedos de largura, com guizos e uma chapa de prata na testeira. Como não usam de estribos, na acção de montar a cavallo a mulher pega nas crinas, e ergue o pé esquerdo para trás, e o marido segurando-lhe no pé a ajuda a cavalgar. Os homens andam em pello; e juntos os dous sexos, correm ora em uma fileira, ora em duas, fazendo algumas escaramuças; e correndo parellhas, acabam a função acompanhando um que apparece em figura grotesca. Os outros brinquedos são algumas vezes com azas de passaros nas mãos, parecendo querer imitar os perús; em outras, com as mãos no chão investem como touros, ou saltam como sapos: em todos aturam pouco tempo, e nelles esmeram-se mutuamente os dous sexos por agradar um ao outro; pelo que devemos crer que o galanteio nasce com todos os povos.

Cheios de gosto vêem os pais e as mães saltar á roda de si os tenros filhos, aos quaes quasi adoram, sendo ellas

aliás, quando moças, os seus verdugos antes de nascerem. Os filhos nenhum respeito tributam aos pais, e até lhes dão provas de pouco amor.

Estando os Guaycurús juntos, quando querem separar-se o mais abalisado delles levanta-se, e cada um de per si diz—vamos; e depois de todos lhe responderem que sim, é que se apartam. Todo este povo faz uso excessivo do tabaco; os homens cachimbam, e as mulheres trazem-no sempre entre o beijo de baixo e a gengiva. Não conhecem Deus, e por isso nas suas calamidades a nada sobrenatural recorrem: festejam o apparecimento das sete estrellas, não como divindade, mas por ser precursor do tempo de sazonarem uns côcos chamados *bocajuras*, que lhes servem de precioso alimento.

A respeito da sua origem dizem mil desatinos; mas, longe de pretenderem descender dos Céos, como os Japonezes, nem affectarem como os Romanos o seu Romulo e Remo criados por uma deosa na figura de loba, nem enfim como os Incas descenderem do sol, antes contam esta humilde história. Dizem que, depois de serem creados os homens, e com elles repartidas as riquezas, uma ave de rapinã que no Brazil chamam *caricará* se lastimára de não haver no mundo Guaycurú; que os creára, e lhes dera o porrete, a lança, o arco e as flechas, e dissera que com aquellas armas fariam a guerra ás outras nações, das quaes tomariam os filhos para captivos, e roubariam o que pudessem: mas a este seu creador não tributam culto algum, antes o matam as vezes que podem. Sabem que ha um Deus bom, porém dizem que elle em nada se embaraça, e que ha demonios que tentam os mortaes; mas ignoram os premios e castigos da vida futura. Sabem que a alma é immortal, crêm que depois da morte as dos seus capitães e dos cirurgiões se divertem em passear pelas estrellas, e que as do povo ficam errando junto do cemiterio. Parece-me ver em uma das suas historias uma noção e noticia confusa de Adão: dizem alguns que sempre entre elles houvera lembrança de huma grande chuva que alagára o universo.

Ao sol, á lua, a Venus, a Mercurio, enfim a todas as estrellas que por sua grandeza ou figura se fazem re-

commendaveis á vista, dão nomes diferentes do que dão geralmente a todas as estrellas juntas. Distinguem com nomes os quatro ventos geraes, e nas suas viagens se governam pelo sol; contam os annos pelas vezes que dão fructo as arvores silvestres, e assignalam nos troncos com côrtes os mezes por luas, e as horas pela altura do sol. Explicam os numeros mostrando os dedos das mãos e dos pés; e quando é muito o que querem explicar, esfregam as mãos uma na outra: sendo a cousa do genero masculino dizem na acção de esfregar as mãos—*ouy*; si é do feminino—*eleó*.

Este povo selvagem ama-se affectuosamente, e vive entre si em uma doce harmonia, sustentada desta amizade terrea que faz a formosura da vida: nas suas enfermidades não usam mais que carregarem com a mão e chuparem com a bocca a parte dolorida, e nenhuma noticia ou conhecimento tem da virtude dos tres reinos, vegetal, animal e mineral. Os seus cirurgiões usam de varios enganos: pegam em uma cabaça com bastantes pedrinhas dentro, começam a sacudir e a cantar noites inteiras com voz desahrida, contrafazendo quasi ao mesmo tempo o canto de diversos passaros. Fazem crer aos seus que naquella occasião lhes vem fallar a alma do enfermo, e dizer se ha de morrer ou não; e quando querem vaticinar alguma cousa, cantam da mesma fôrma, e com mil movimentos de cabeça, que fazem, ficam tontos, e naquella especie de embriaguez predizem desatinos.

Quando morre alguma moça rica, pintam-na como se estivera viva, botam-lhe contas nos pulsos e nas pernas, chapas e canudos de prata no pescoço. Involvem-na toda em um panno pintado com conchas, e depois a cobrem com uma esteira fina, e assim a leva a cavallo um dos parentes até o cemiterio geral, que é uma casa coberta com esteiras pelos lados, onde cada familia tem dividido com estacas a parte que serve de jazigo aos seus: alli a enterram, e sobre a sepultura deixam-lhe o fuso, a cuia e outras cousas de seu uso; e si é homem, deixam-lhe o arco e as flechas, a maça, a lança, em fim todas as armas e trastes de que usava, e matam junto ao cemiterio o cavallo em que o fallecido foi levado, que é

o melhor que elle possuia; e se em vida foi guerreiro, enfeitam-lhe as armas com flores e plumas de diversas côres, que todos os annos renovam.

Mudam o nome todas as vezes que lhe morre um parente ou escravo, e toda a parentela faz um excessivo pranto: as mulheres, chorando e cantando com voz lugubre, repetem os passeios, os divertimentos e os trabalhos a que juntos assistiam; o que bem mostra ser o uso das carpideiras geral entre os povos incultos. Estes, á imitação dos Egyptios, se privam dos melhores alimentos, não lavam a cabeça, nem se pintam até que os parentes, vendo a excessiva maceração, lhes pedem repetidas vezes queiram deixar tanto sentimento: e com pouca differença fazem o mesmo pelos captivos.

O *jargão* dos Guaycurús é na maior parte collocado e abundante em phrases e nomes: as mulheres explicam-se quasi sempre differentemente dos homens. Por exemplo: os homens para dizerem morrer, dizem *aleo*; e as mulheres *gemá*. Para dizerem vou para minha terra, dizem *saragigo oypilo*; e ellas *seragigo yoi*. — Ao beber dizem os homens *jaguipá*, e as mulheres *jaucá*: elles para dizerem homem dizem *hulegre*, e ellas *aguina*. Em muitas cousas respondem no figurado. A pronuncia é mais guttural que nasal; á proporção do que querem encarecer, carregam sobre a voz, e com as mãos e gestos acompanham o discurso.

Em quanto ao seu governo, mostra ter principio, como as outras nações. Na infancia do mundo, nos primeiros tempos, cada pai era o natural legislador da sua familia e arbitro da pequena sociedade, que lhe era sujeita, e cujos interesses considerava como proprios do amor paternal. Fez o tempo que os filhos destes Guaycurús os condecorassem com o titulo de capitães; e por independente que seja a sua autoridade, usam della com moderação. A necessidade em que se vêem de associarem os outros aos seus trabalhos domesticos, os obriga a não serem áltivos com os seus; porém são guerreiros. Todos os annos sahem a matar outros selvagens, e prender para captivos as mulheres e crianças. Em quanto a estas, quando tem necessidade de leite e não tem mãe, a mulher daquelle

que a apanhou a cria em seus peitos, ainda que seja de idade de mais de 50 annos e nunca tenha criado.

Os Guaycuris são tão soberbos que a todos os gentios confinantes tratam com desprezo, e estes de alguma sorte os respeitam: assim succede á nação *Guazi*, habitante nas margens do rio Imbotatiú; e com a nação *Guaná*, que é muitas vezes maior do que a dos seus oppressores. Prê-sentemente vão conhecendo a superioridade do seu numero, e sacudindo o jugo tyrannico a que estavam submettidos, tanto que no anno de 1793, no mez de Junho, vieram ao presidio da Nova Coimbra pedir a protecção dos Portuguezes mais de trezentos, conduzidos por um sobrinho do chefe de sua nação, ao qual chamam capitão *Guassú*, que em lingua geral quer dizer *grande*. Este sobrinho do capitão *Guassú* foi mandado com mais cinco á capital de Matto Grosso, onde o general o mandou fardar á sua custa com farda encarnada e agaloadada de ouro, e dar-lhe sapatos, fivelas de prata, botas, camisas de punhos, bastão, e outras cousas de valor, sustentando-o em seu palacio todo o tempo que se demorou em Villa-Bella. Depois disto continuou a vir a Coimbra independente dos Guaycuris, os quaes tem nas suas aldeas Indios de diversas nações, como são Guaxis, Guanazes, Guatós, Cayvabas, Bororós, Coroás, Cayapós, Xiquitos, e Xamococos. Esta nação, pela summa necessidade que tem vende os filhos aos Guaycuris por machados e facas; e estes lhes fazem guerra cruel, sendo de todos temidos pela vantagem que tem nos cavallos e armas de que usam, a saber: as maças, que é um páo de quatro até cinco palmos de comprido e uma polegada de diametro; a lança, que tem pouco maior grossura, e dezoito palmos de comprimento, incluída a choupa; e o terçado ou facão. Estas duas ultimas armas tem sido tomadas aos Portuguezes e Hespanhóes, e algumas compradas a estes, que inadvertidamente lhas tem vendido; e o arco e flechas. De todas estas armas se servem quando andam a cavallo pela fôrma seguinte: ata o Indio em volta do corpo uma corda, e com ella se cinge cada vez mais á proporção que lhe falta o alimento, e entre ella e o corpo prende a maça no lado direito, o terçado e a faca no esquerdo;

com a mão esquerda governa, por uma delgada corda que traz atada na bocca, o cavallo em que anda em pello (á maneira dos Numidas ou Tartaros, dos quaes, segundo um auctor moderno, descendem os selvagens da America); em a mão direita mença a lança, mas não usa della o que traz arco e flecha. Andando embarcado, o remo lhes serve de arma, por ser apontado em ambas as extremidades. Todas as armas de páo dizem elles que, antes de conhecerem o uso do ferro, cortavam com pedras, e lavravam com dentes de animaes; por cepillo lhes serve até hoje um caracol, que quebram nas costas, e com o qual carregando na madeira alizam admiravelmente.

Quando estão para sair para a guerra, elegem para chefe o capitão mais moço, que está em idade de tomar armas, e os capitães antigos o acompanham como conselheiros. O seu maior ardil é a traição, para o que são destrissimos. No dia da partida, sentado na sua pobre cama, sem as ceremonias que a vaidade inventa em semelhantes actos, espera o adolescente por todos os que o hão de acompanhar; e cada um de per si, segundo a sua graduação, vem render obediencia á mãe e á *nutriz* daquelle que pela primeira vez sahe a semelhantes emprezas. Estas, com voz alta e entoada, e os olhos nadando em lagrimas, começam a repetir as acções famosas de seus antepassados, exhortando-o a imital-os, e antes morrer do que fugir. Vejam agora se as matronas Romanas, se a Grega Arxilonide ou Argelona, como lhe chamava Plutarco, se D. Catharina de Vilhena armando os filhos para a restauração da patria, mostraram mais valor que estas barbaras. Ellas fazem; a meu ver; maior sacrificio á honra em desejarem antes a morte a seus filhos do que sobrevivam á infamia, do que a mãe de Nero em querer que o filho reinasse, ainda que disso se lhe originasse a morte.

Quando os Indios Cavalleiros vão á guerra, e tem de passar por algum terreno occupado por povo parente ou amigo e alliado, mandam sete soldados adiante a dar parte da causa por que elles por ahi passam. Os soldados, chegando á presença do capitão amigo, formam-se em uma fileira, e o do centro, que é o mais abalisado, dá um passo á frente, e voltando-se para os seus diz a cada um: Quero dar o

recado dos nossos capitães: e depois de todos lhe dizerem que o dê, é que, voltando-se para o chefe, encruzando os braços e com rosto grave, dá a sua embaixada, ouve a resposta, e voltando-se de novo para os companheiros, lhes diz: Já dei o recado: e então se retiram.

Na occasião do combate, todos que a tem vestem uma camisa de couro de onça, que lhes dá pelos joelhos, a qual julgam impenetravel a todas as armas offensivas, mesmo ás balas. Em quanto dura o ataque tocam algumas vezes uma grande bozina, e fazem grandes algazaras. Em voltando da guerra, sahem as mulheres e as cáptivas a encontral-os na estrada da aldeia, tomam-lhes as armas e as presas; e se foram bem succedidos, fazem muitas festas. A mãe do rapaz que aprisionou ou matou pela primeira vez é obrigada a fazer maiores festas, e dá regalos ás outras; e por esta vez todos se embriagam com uma especie de aguardente, que fazem de mel de abelha e agua. Usavam os Samnites mandarem ler todos os annos, em praça publica, as boas acções que os seus tinham feito em favor da patria. Não sei julgar qual destes dous costumes anima mais a mocidade.

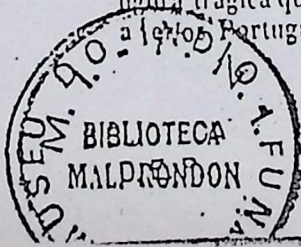
Corria a era de 1719, pouco mais ou menos, quando os Guaycurús se ligaram com os outros selvagens denominados Payagoás, os quaes podemos ter quasi por amphibios, pelo grande uso que fazem das aguas, e pelo muito que nella são destros.

Depois desta alliança é que os Cavalleiros aprenderam o uso das canoas, que são de um só tronco. Juntos fizeram aos commerciantes que vinham de S. Paulo para as minas de Cuyabá, embarcados em canoas, os estragos que entro agora a referir. Não contarei o modo por que foram os Portuguezes sempre atacados, nem os particulares acontecimentos, porque as unicas lembranças que encontrei destes successos foram tiradas dos annaes da camara da villa de Cuyabá, onde se acham bastantemente informes, e me foram communicadas pelo Dr. juiz de fora Luiz Manoel de Moura Cabral.

Somos entrados nos successos de uma época que nos desafia a attenção, para vermos de um golpe de vista a figura tragica que se nos principia a representar: entraremos a ver os Portuguezes, que nas quatro partes do mundo tem

sido a admiração e o terror dos seus habitantes, feitos agora o alvo da inconstancia e da fortuna, a irrisão destes selvagens: entramos no ponto mais trabalhoso desta historia, onde tenho de caminhar contra o sentir antigo, que só fazia aos Payagoás auctores dos males que soffremos sobre as aguas do Paraguay e seus confluentes; erro que nascia de suppôr-se as duas nações sem alliança alguma, e os Guaycurús totalmente ignorantes do uso de canoas, como muito tempo foram. Porém, sabido que não fomos insultados nos rios antes da alliança que fizeram estes dous povos, devemos dar o primeiro logar aos Guaycurús, principalmente sendo os Payagoás tão poucos como são; pois no anno de 1792, indo eu em diligencia á provincia do Paraguay, onde elles presentemente se acham aldeados, disse-me o Ex.^{mo} general daquella provincia, que então era D. Joaquim Alves, que não excediam a mil pessoas, contando homens, mulheres e crianças.

Emfim estas duas nações, no anno de 1725, destruíram uma frota de canoas que vinha do povoado, e mataram perto de 600 pessoas, desprezando todo o negocio que vinha nas mesmas canoas, como muito tempo fizeram, menos os facões, facas e machados; e esta grande perda não foi mais que o preludio do muito que depois soffremos destes barbaros. No anno de 1726 fizeram grande mortandade nos mercadores que vinham para Cuyabá. No anno de 1728 mataram no rio Paraguay muitos Portuguezes e Indios Parecis, que vinham do sertão. Porém maior foi o estrago que fizeram no anno de 1730, quando no mez de Julho sahiram da villa do Cuyabá para S. Paulo algumas canoas, em uma das quaes, entre outros muitos, ia o Dr. Antonio Alves Linha Peixoto, que acabava de ser ouvidor: no rio Paraguay, que pela sua natural mansidão lhe promettia uma feliz viagem, foram investidos repentinamente pelo gentio, que dando uma horriavel grita atemorizou a todos de tal sorte, que quasi extaticos morreram em numero de 400, só escapando oito, que tiveram o accôrdo de saltar em um pequeno reducto de terra, donde viram a cruel carnagem que desapiadadamente faziam nos seus companheiros estes barbaros, que traziam 80 canoas, e nellas mais de 500 homens, dos quaes dizem perderam 50. Tanto que



se viram senhores das canoas de seus inimigos, começaram a lançar á agua os corpos semi-vivos, com o sangue dos quaes se mudou a cor das claras aguas do rio, tendo os mortos e vivos sepultura no ventre dos animaes aquaticos. A vista deste horroroso espectaculo, que se fazia grato á vingança e doloroso á humanidade, só almas inhumanas não derramariam lagrimas.

Depois desta lastimosa tragedia fizeram os barbaros mão baixa em todo o ferro de uso que toparam, e o mais lançaram-no ao rio; tendo o mesmo destino mais de 60 arrobas de ouro, que iam para o commercio. A sua barbaridade desprezou este custoso metal, que a tantos traz expatriados, e que poderia despertar a cobiça do mesmo Diogenes. Algum que por casualidade levaram, deram-no aos Payagoás, na cidade de Assumpção, por tão baixo preço que com uma mulher chamada D. Quiteria e Barby trocaram seis libras de ouro por um prato de estanho.

Depois disto, logo no anno seguinte, chegaram os Guaycurús e Payagoás ao Arraial-Velho, poucas leguas distante da villa de Cuyabá, que está na latitude de 16° e 36', onde, achando muita gente que estava fazendo pescaria, mataram a maior parte, e levaram o resto captivo.

No anno de 1733 investiram, no districto de Carandá, a 50 canoas de negocio, e foram tantos os barbaros, tão repentino o assalto e com tantos alaridos, que atemorizados os Portuguezes se deixaram matar sem resistencia, escapando unicamente quatro pessoas.

Estes continuados insultos fizeram repercutir os seus echos nos ouvidos de S. M., que movido de compaixão dos seus vassallos mandou ordem ao general de S. Paulo para mandar fazer guerra aos gentios á custa da real fazenda. Por esta razão, no primeiro de Agosto de 1734 sahio uma armada do porto geral da villa do Guaybá, a qual se compunha de 23 canoas de guerra, 80 de bagagem, e tres balsas, que eram casas portateis armadas sobre canoas, onde celebravam os capellães da tropa, que se compunha de 842 homens, entre brancos, pretos e pardos. Governava em chefe esta expedição o tenente general Manoel Rodrigues de Carvalho, e com elle vieram da capitania de S. Paulo 400 homens, aos quaes deram por ajuda de custo patentes,

que obrigaram a pagar conforme a sua graduação. Rodando esta numerosa esquadra, consta que em uma das ilhas do Paraguay encontraram os gentios, nos quaes fizeram grande estrago; mas não foi bastante para que estes, no dia 19 de Março da era de 1736, no mesmo logar do Carandá, não acommettessem aos commerciantes que vinham para Cuyabá, dos quaes mataram bastantes, e levaram duas canoas carregadas de fazenda.

Este foi o primeiro raio de esperança que houve do gentio cedo procurar alliança, por começarem a gostar das mesmas cousas que antes desprezavam; porém ainda assim continuaram os seus insultos.

Passados quatro annos, vindo a monção, foi acommettida no mez de Janeiro pelos Indios, que mataram a muitos, e tiveram quatro canoas carregadas de fazenda e escravos.

No anno de 1743 chegaram ao reducto do Sapé, nas vizinhanças da villa de Cuyabá; e topando alli pescadores, mataram varios, e levaram vinte. Neste mesmo anno, indo gente da villa de Cuyabá tratar amizade com os Guaycurús, estes, na occasião do negocio, mataram atraçoadamente cincoenta.

No anno de 1744 acommetteram os Guaycurús as canoas de negocio, e sómente mataram um negro com flechada; e no mesmo anno deu o gentio, alta noite, no sitio de um João de Oliveira, na passagem do Paraguay, onde matou parte da gente.

Na era de 1752, vindo os commerciantes de S. Paulo, e adiantando-se a canoa de um padre por nome Vito Antonio de Madureira, no logar chamado Xané deu-lhe o gentio, e levou-lhe a canoa e os escravos, deixando-o semivivo em uma canoinha, na qual ia á vontade das aguas. Sendo achado pelos companheiros, teve tão grande alegria que, tomado de um accidente, ficou privado dos sentidos: os companheiros, timoratos e pouco advertidos, o enterraram, provavelmente vivo. Em 1753 deram os Guaycurús no logar da Figueira, onde mataram bastantes pescadores que ali se achavam, e captivaram o resto. Logo depois deste assalto, fugiram ao capitão mór, que então era da villa de Cuyabá, Lopes de Araujo, alguns escravos embarcados; e mandando

sobre elles alguns brancos e pretos, foram estes acommettidos dos gentios, que mataram a uns e levaram outros.

No anno de 1768, pelos inscrutaveis decretos da Providencia, se separaram os Guaycurús e Payagoás, sem que para isso tivessem causa alguma, segundo elles dizem, porém tão inimigos uns dos outros que se fazem mutuamente os damnos que podem; e por esta causa, e por temor dos Portuguezes, foram os Payagoás viver abaixo da cidade da Assumpção, capital da provincia do Paraguay, e com os habitantes della tem conservado paz.

Já depois de separadas estas duas agueridas nações, em 19 de Março de 1771 deram os Guaycurús no logar do Croará, onde aprisionaram alguns escravos e Indios que acharam; e no anno de 1774 foram duas vezes a cavallo á praça dos Prazeres, que está na latitude de 23° e 42' sobre o rio Igatemy, que faz barra no Paraná, e nas suas vizinhanças queimaram algumas casas e mataram os seus moradores.

No mez de Maio de 1775 tiveram 20 canoas destes Indios a ousadia de subirem pelo rio Paraguay até junto de Villa-Maria, que está na latitude de 16° 3', e ahi aprisionaram algumas pessoas, e mataram dezeseis na fazenda de um Domingos da Silva, a quem tambem deixaram morto e a um seu filho, sem embargo de distar esta paragem mais de cem leguas das suas terras.

Estes repentinos e amiudados assaltos que soffriam os Cuyabanos, sobre os quaes cahiam todos os damnos que os gentios causavam, umas vezes nos seus lavradores, outras nos commerciantes que de S. Paulo e Rio de Janeiro lhes traziam os generos (que uma sociedade que tem corrompida a simplicidade natural não pôde viver sem elles), obrigavam-nos a derramarem continuas lagrimas: ora choravam os pais, os filhos e os esposos; ora os irmãos, parentes e amigos, e sempre os bens, com tão grandes suspiros e ais que chegaram aos ouvidos do Ex.^{mo} Sr. Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que então governava as capitánias de Matto-Grosso e Cuyabá; e começando o seu ardente zelo e natural compassivo a pensar no grande damno que causavam aquelles selvagens (pois avaliam-se os Portuguezes mortos por elles em mais de 4,000, e a

perda que causaram para mais de tres milhões); pensando, torno a dizer, nos meios de garantir seus afflictos subditos de semelhantes males, mandou sahir de Villa-Bella, a 9 de Maio de 1775, ao capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa, para na villa de Cuyabá receber poderosa escolta, e com ella descer pelos rios Cuyabá e Porrudós, até se metter no Paraguay; e passando os pantanaes e variaveis boccas que de ordinario offerecem os rios Taquary e Imboteliú, ir fundar um presidio no logar chamado pelos antigos sertanistas Fecho dos Morros, onde se estreita o rio por causa de uma pequena ilha que o divide: logar já por mim descripto no principio desta obra.

Deu o sobredito capitão ás instrucções mais sabias que então se poderia dar. Este homem, mais obrigado dos seus fracos companheiros que timido e inexperto, parou dezeseis leguas abaixo da foz do rio Taquary, em um logar em que dous montes lateraes ao rio seguem parallelos um pequeno espaço, formando na encosta do monte, do lado occidental, uma fraca estacada, á qual denominaram o Real Presidio de Nova Coimbra, na latitude de 19° e 55', ultimo e mais austral estabelecimento portuguez sobre o Paraguay.

Este logar é insufficiente para a agricultura, incapaz para criação dos animaes, por ser alagado em quasi todos os annos sete mezes, e passarem-se algumas vezes dous annos sem os campos sahirem debaixo das aguas, como aconteceu nos annos de 1701 e 92: assim pouco pôde o presidio servir para embaraçar a passagem dos Hespanhóes, e nada para evitar a fuga dos Portuguezes ou dos seus escravos. Contudo, depois da sua fundação, os Guaycurús e Payagoás não tornaram a insultar os Portuguezes: só os primeiros fizeram uma grande mortandade na guarnição deste presidio de Nova Coimbra. Para narração deste successo aparo de novo a penna.

Antes de me apartar deste logar, contarei que no monte, cujas faldas occupa o presidio, está uma grande gruta, na qual, depois de descer-se trinta e oito varas por uma descida trabalhosa, chega-se a um salão de 50 varas de comprimento e 35 de largo, sendo destas onze occupadas por aguas ás mais frescas e crystallinas, mas no sabor um pouco desagradaveis. Este lago termina a gruta pelo lado di-

reito por toda a extensão, e na parte mais funda tem 24 palmos de alto.

Neste presente anno de 1795, indo-se á gruta no mez de Fevereiro, topou-se no lago um jacaré que tinha uma mão cortada, cousa que me fez suppôr que o dito lago tem comunicação com o rio, e tambem por encher e vasar á proporção que enche e vasa o rio, que estará distante 1,000 passos. Nesta sala estão sete columnas, tres em frente e quatro no fundo, todas de pedras congeladas das aguas que de continuo estão pingando da abobada: a mais grossa tem 30 palmos de circumferencia e 26 de altura; a menor 12 de grossura: é o lugar mais maravilhoso de todo este subterraneo edificio. Em uma parte divisa-se, com o auxilio de luzes, o seu pavimento coberto de uma arca luzente; em outra a crystallina agua, na qual vai senecer a abobada onde estão crescendo bellas figuras e innumeraveis pedras, que a natureza com mão habil vai formando; as columnas parecem feitas com arte, umas são de meias cannas, outras abertas em tarjas; estas se prendem no tecto, sobre aquellas estão diferentes folhagens pendentes; a altura da abobada no mais alto tem 60 palmos. Em se observando este soberbo edificio, não é possível defender-se de um transporte de prazer, misturado comtudo do sentimento de ver uma producção tão elegante e admiravel da natureza posta em um lugar onde tão raramente pôde obter o tributo da admiração que merece.

Outras particularidades tem ainda esta celebre gruta, que não descrevo por já o Dr. naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira o ter feito por ordem de S. M., depois de a mandar desenhar.

Em outro monte, que fica algumas leguas apartado do presidio, estão seis grutas, porém todas menores do que a que fica descripta.

Depois desta fundação, mandou o Ex.^{ma} Sr. general ao sargento mór de auxiliares da villa de Cuyabá, que então era Marcellino Rodrigues Campônes, a commandar o dito presidio de Coimbra; e nas prudentes instrucções que lhe mandou, determinava, respeito aos Guaycurús, o seguinte (formaes palavras tiradas das proprias ordens, que se con-

servam neste real presidio, onde actualmente me acho na occasião em que escrevo):

« Pelo que toca a estes Indios, confirmo a Vm. de novo as minhas positivas ordens e instrucções dirigidas ao capitão Mathias Ribeiro da Costa, com data de 9 de Maio do presente anno, para os não offender em uada, e antes tratá-los com a possível boa intelligencia e amizade, e tentar se elles não aborrecem tanto, como até agora faziam, o commercio, trato e comunicação dos Portuguezes, que a barbaridade e tyrannia dos antigos sertanistas lhes fizeram detestar; e estabeleço como uma das obrigações principaes, em que Vm. deve empregar-se, o procurar por todos os caminhos fazer abraçar aos sobreditos Indios o nosso commercio, que sempre pôde haver modo de representar util e vantajoso, principalmente distribuindo-lhes de quando em quando alguns pequenos mimos de resgates, de que, pela relação que remetto inclusa, conhecerá Vm. que faço conduzir á sua disposição uma certa quantidade. Mas, sem embargo de toda a efficacia destas mesmas ordens, que são uma consequencia precisa, util e providentissima das que S. M. me tem dado, verá Vm. sempre que eu não pretendo que se deixe offender impunemente; nem tal poderia caber nunca nò mesmo direito que a natureza estabeleceu de repulsar com força a quem nos intenta fazer mal. »

Depois da chegada do novo commandante, a 29 de Novembro de 1777, chegaram a cavallo ao presidio de Nova Coimbra varios Indios Guaycurús, dizendo, em lingua castelhana, que queriam paz: o commandante os foi receber fóra da estacada, levando duas pistolas no cinto, e uma esquadra de soldados armados; alli mesmò os brindou com varias cousas, algumas suas e a maior parte dos reaes armazens, e despediu-os. Os gentios, contentes, prometteram voltar d'ali a um mez com bastantes cousas para negocio. Vendo alguns officiaes militares, que em Coimbra estavam insubordinados, passar o tempo em que disseram os Cavalleiros que haviam de voltar, começaram a dizer que o commandante tinha culpa dos Indios não voltarem pelos ter amedrontado com a guarda e armas que levou quando lhes foi fallar; e tanto murmuraram que chegaram a fazer assignados contra elle. No tempo que isto se urdiu,

chegaram os Guaycurús, a 6 de Janeiro de 1778, trazendo em sua companhia algumas mulheres, e para resgates carneiros, perús, pelles de veados e outras bagatellas mais. Sendo o commandante avisado disto, mandou que parassem em um lugar que dista mais de 300 passos do presidio, onde fariam as permutações; e para guarda dos que iam fazel-as, ordenou ao ajudante de auxiliares Francisco Rodrigues Tavares fosse assistir com doze soldados armados, e que tivesse toda a cautela: com effeito foi o dito ajudante, e mandou formar corpo de armas, onde poz uma sentinella. Então veio o capitão dos Indios e um Indio lingua, para dentro da estacada fallar com o commandante, em quanto estes se detiveram dentro. Succederam entre os Indios e os Portuguezes algumas cousas notaveis. Disseram os Guaycurús ao ajudante que as mulheres se temiam de verem a sentinella e as armas de fogo; que as mandasse retirar, e cobril-as com uma tolda que alli estava, visto elles tambem não terem armas; e na verdade elles só tinham cacetes e facas, de que os nossos não temiam. O ajudante, por agradal-os, fez quanto lhe pediram, e bem pago ficou da demasiada condescendencia que teve. Começaram os Indios então a chegarem-se mais para os Portuguezes, e a convidarem alguns a descausar no regaço das mulheres, o que acceitaram: depois principiou-se o negocio, e muitos brindaram algumas Indias, das quaes varias lhe pagaram com lagrimas que derramavam por suas faces, por verem o desastrado fim que os aguardava: os nossos entendiam que ellas choravam por serem violentadas pelos maridos a fazer-lhes mimos; mas aquelle pranto era por aquelles que liberal e desinteressados as obsequiavam, e ao mesmo tempo temiam descobrir a maldade dos maridos pelos não sacrificar: a formosa Osmia se não viu em maior aperto entre o marido e o Romano a quem amava.

Deu um pedestre a uma India um grande facão por um carneiro, depois de á sua vista o não ter querido dar a outras, do que agradecida a India lhe pediu se recolhesse; e vendo que o não fazia, com lagrimas e por acções lh'o tornou a pedir, pelo que o pedestre se despediu, entendendo que o carneiro era furtado, e que por isso a selvagem tanto nstava; e assim escapou á morte. Os Guaycurús chegavam-

se aos nossos, e pondo-lhes as mãos nos hombros como por amizade os sacudiam, e conforme a sustancia que encontravam, assim ficavam junto a elles aquelles que julgavam necessarios para matar. Tantas demonstrações não despertavam nos Portuguezes a lembrança das grandes perdas que os bárbaros lhes tinham feito. O interesse de comprarem as bagatellas que os gentios traziam lhes entorpecceu o entendimento: se não foi a santa Providencia, que nelles quiz castigar os peccados que foram a causa de subverter-se Sodoma e Gomorra.

Entretanto estava o capitão e o lingua dentro com o sargento mór, o qual os tratou brandamente, e cuidando ter livre a sua gente, que estava entre os Indios, os despediu dando-lhes mimos. Tanto que elles se viram em meio caminho, deram um assobio, com o qual todos se entendem tão claramente como nós fallando: com este signal, cada gentio com o porrete foi matando aquelle que lhe cahiu em sorte; alguns Portuguezes morreram mesmo no regaço das Indias, e estas e os maridos os degolavam. Em quanto uns se occupavam em matar, outros despiam o facto áquelles que, involtos no seu proprio sangue, inda não tinham acabado de exhalar os derradeiros alentos vitaes. O ajudante, que era homem agigantado e forçoso, defendeu-se com uma espada, que tinha na mão, mais de quarenta passos, e não o matariam se um dos Indios por detraz lhe não dêsse uma pancada pelas pernas, com a qual o derrubou, e outros logo o degolaram. Isto foi quasi ao mesmo tempo que os do presidio chegavam a soccorrer os da revolta pela terem sentido; inda perceberam o ajudante dizer — Jesus — pelo ar que lançava envolto em sangue pela ferida da garganta. Com tanta pressa e tanto a seu salvo mataram e roubaram, que quando os Portuguezes chegaram já se tinham ausentado os Guaycurús, levando as armas e a roupa, parte della gotejando sangue de seus donos, que parecia ir pedindo vingança de tanta aleivosia.

Neste fatal dia morreram dos nossos 54, sem os Cavalheiros soffrerem o menor damno. Foi indizível o sentimento que tiveram os Portuguezes com este desastrado successo, pelo qual levantaram uma tempestade de suspiros, e deixaram correr um diluvio de lagrimas, principalmente por não poderem soccorrer os miseros companheiros, aos quaes enter-

raram em duas grandes sepulturas. Recolhidos ao presidio, logo os officiaes rasgaram os assignados que tinham feito contra o commandante, como já fica dito, e fizeram outro no qual o culpavam de laxo e frouxo, e de outros defeitos que na verdade não tinha, sendo só as suas paixões particulares o movel de tudo isto: mas elles tambem receberam da ambição os premios que ella costuma repartir.

Neste mesmo anno pediram licença dous soldados dragões, que serviam no presidio, para irem caçar ao outro lado do rio em uma canôa, com mais oito pessoas. O commandante concedeu-a, e passando elles o rio, encontraram alguns Guaycurús, que os investiram. Os dous soldados dispararam as armas, e derrubaram morto a um capitão e aleijaram outro de um braço; porém a um dos soldados deram uma lançada pelos peitos, com a qual perdeu a vida, e o mesmo succedeu ao ordenança de duas flechadas. O outro soldado, sentindo-se ferido em um braço por uma flecha, fugiu procurando a canôa; mas os que nella estavam, vendo que vinham os gentios juntamente com elle, afastaram-se para meio do rio, e vendo-se o pobre soldado desamparado dos fracos companheiros, e perseguido dos inimigos, lançou-se á agua, onde começando a nadar espalhou-se o sangue que lançava a ferida; e acudindo a elle uns peixes á que chamam *tezouras* ou *piranhas*, pelo muito que certam os seus dentes, e investindo contra o miseravel e afflicto nadador, em um instante o deslizeram todo, vindo a acabar com este genero de morte.

Passaram-se depois onze annos sem que estes barbaros fizessem aos Portuguezes dano algum, nem ousassem chegar á falla, até que no mez de Março de 1789, em que commandava o presidio um cadete de dragões, appareceram de outro lado do rio em frente da estacada e bradaram varias vezes, o que visto pelo commandante mandou lá algumas pessoas, com as quaes não quizeram chegar a falla; e depois no mez de Julho do mesmo anno tornaram a bradar. Indo os nossos fallaram; e recebendo algumas dadivas, prometteram voltar d'alli a cinco dias, como com effeito vieram; e indo um soldado e varios pedestres, fallaram com o capitão Queima, debaixo de toda a cautela, e assim mesmo continuaram a fallar até o mez de Dezembro do dito anno, tempo em que venderam os

Guaycurús alguns cavallo, carneiros, perús, e outras cousas insignificantes, por bactas, machados, facas, facias, fumo, pratos de estanho e facões (este genero ultimo foi prohibido pelo Sr. general o vender-se); e o cadete commandante lhes mandou dar varias cousas do armazem.

Por este mesmo tempo veio commandar o presidio da Nova Coimbra o sargento mór engenheiro Joaquim José Ferreira, o qual, pelas positivas ordens que trazia do Ill.^{mo} e Ex.^{ma} Sr. João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, actual governador e capitão general das capitánias de Matto Grosso e Cuyabá, mandou um cabo de esquadra de dragões com quatro canôas bem armadas a ver se encontrava os gentios Cavalleiros, que por causa da inundação já não appareciam, e se os persuadia a virem ao presidio.

Partiu o cabo d'esquadra, e com effeito na segunda viagem fallou amigavelmente com os Indios, e lhes rogou que o acompanhassem e viessem ver o commandante; o que elles não quizeram fazer, porém mandaram como espias tres captivos seus, os quaes vinham com tanta repugnancia como os que caminham para o patibulo. O sargento mór tratou-os com grandeza, vestiu-os de panno de algodão e bacia, deu-lhes facas e anzões, e os mandou fartos e contentes; o que visto pelos seus senhores, e sabendo delles o bom agasalho que tiveram, resolveram-se a vir dous capitães, um velho e outro moço, trazendo quatro dos seus soldados em sua companhia, os quaes todos entraram tremendo no presidio. O commandante os recebeu fardado, bem como todos os officiaes e guarnição; hospedou-os, deu-lhes dadivas, com o que se foram satisfeitos, e começaram d'ahi por diante a vir com menos receio, sendo todos sustentados, em quanto se demoraram, á custa da fazenda real; e os capitães e suas mulheres na mesa do commandante, como ainda hoje succede. A todos se mandou dar facas, anzões, fitas, contas, veronicas, figas, machados e outras cousas, de que para semelhante fim estava o real armazem provido, e se proveu ainda mais depois desta alliança, para segurança da qual foram a Matto Grosso o capitão *Emavidi Xané*, que agora se chama *Paulo Joaquim José Ferreira*, e o capitão *Queima*, que agora é conhecido pelo nome de *João Queima de Albuquerque*, que é dos principaes dos Guaycurús por sua mãe, e dos

Payagoás por seu pai, e respeitado pelos muitos soldados e captivos que tem. Levaram estes á capital, em sua companhia, dezesete dos seus subditos, e foram todos alli tratados com muita grandeza pelo Exm. general, o qual mandou vestir a todos, e aos capitães fardar com farda, vestia, calção e chapéo fino agalado de prata; e tambem lhes mandou dar fivelas e bastão, e muitas outras cousas de valor. No palacio de S. Ex.^a assignaram o termo seguinte, que ponho por extenso para que os curiosos o possam ver, e não privar aos meus leitores de terem essa complacencia; e o mesmo faço á carta patente que lhes passou, e que elles conservam com o maior cuidado possível.

TERMO.

« Desejando a nação do gentio Guaycurú ou Cavalleiro, que habita os terrenos que formam a margem oriental do Paraguay, desde o rio Mondego, antes denominado *Imbotatiú*, e mais rios intermedios até a margem boreal do rio Ipané, dar não só uma evidente prova do seu reconhecimento, gratidão e sensibilidade, pelo bom tratamento e repetidos beneficios que ultimamente tem recebido dos Portuguezes, em consequencia das ordens do Illm. e Exm. Sr. general de Matto Grosso e Cuyabá, dadas e muito recomendadas para o dito fim ao sargento mór engenheiro Joaquim José Ferreira, commandante do presidio da Nova Coimbra, as quaes ordens elle tem desempenhado com todo o zelo e actividade, distribuindo pela dita nação, além dos donativos que lhe tem sido determinados por conta da real fazenda de S. M., tambem outros seus proporcionados á sua possibilidade; desejando a mesma nação dar iguaes provas do grande respeito e fidelidade que tributam a S. M. Fidelissima, e de quanto são os mesmos gentios afeiçoados aos Portuguezes, espontanea e anciosamente vieram a esta capital de Villa-Bella os capitães João Queima de Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira, dous dos principaes chefes da dita numerosa nação, com dezesete subditos e a preta Victoria, crioula portugueza sua captiva, que serve de lingua: e depois de terem sido recebidos e hospedados com as maiores e mais sinceras demonstrações de amizade e agasalho, e

de serem brindados com alguns donativos de S. M., e outros do Exm. Sr. governador e capitão general, e das outras principaes pessoas desta villa, celebraram o seguinte convenio. No 1.^o dia do mez de agosto de 1791, no palacio da residencia do Exm. governador e capitão general, estando presentes, por uma parte o mesmo Exm. Sr. com os officiaes militares e mais principaes pessoas desta Villa-Bella, e pela outra os sobreditos capitães e chefes da sua nação, João Queima de Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira. com os mencionados seus soldados e a crioula Victoria, sua captiva e interprete, disseram que, em seus nomes e no de todos os outros chefes da sua nação, seus compatriotas, e mais descendentes, protestavam e promettiam de hoje para todo sempre, nas mãos do Exm. Sr. governador e capitão general João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, manter com os Portuguezes a mais intima paz e amizade, e inviolavelmente guardarem e tributarem a S. M. Fidelissima a mais respeitosa fidelidade e obediencia; assim e da mesmo fórma que lhe tributam todos os seus vassallos. E sendo-lhes perguntado, de ordem do mesmo Sr. pelo sargento mór engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, se era nascida de sua livre vontade e moto proprio a obediencia que prestavam a S. M. Fidelissima, como tambem se queriam ficar sujeitos da mesma augusta soberana e senhora, ficando amigos, para desta fórma gozarem livre e seguramente de todos os bens, commodidades e privilegios, que pelas leis de S. M. Fidelissima são concedidos a todos os Indios, a tudo responderam ambos os referidos capitães uniformemente que sim: protesto que o mesmo Ex.^{mo} Sr. general recebeu em nome da S. M. Fidelissima, prometendo elle tambem, em nome da mesma soberana e senhora, de sempre proteger a dita nação, assim de perpetuar entre elles e os Portuguezes a mais intima paz e reciproca amizade, concorrendo sempre para tudo que se dirigir á felicidade espiritual e temporal dos mesmos gentios. E para firmeza de todo o referido e estipulado, eu Joaquim José Cavalcanti de Albuquerque e Lins, secretario do governo, lavrei, por ordem do mesmo Ex.^{mo} Sr. governador e capitão general, o presente termo. Assignaram S. Ex.^a, e a rogo dos ditos capitães e chefes, o tenente coronel de infantaria com exercicio de

ajudante de ordens deste governo, Antonio Felipe da Cunha Ponte, e o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista encarregado da expedição philosophica por S. M. nesta capitania; e a rogo dos mais Guaycurús o Dr. provedor da fazenda real e intendente do ouro, Antonio Soares Calheiros Gomes de Abreu; e de sua interprete o sargento mór engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra. E também assignaram os officiaes da camara, sendo testemunhas presentes deste acto as principaes pessoas desta villa capital, que todas igualmente assignaram: e eu o secretario do governo, Joaquim José Cavalcanti de Albuquerque Lins, o escrevi. Com o signal de S. Ex.^a e de todos os mais circumstantes. »

A carta patente é a que se segue:

« João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, do conselho de S. M., cavalleiro da ordem de S. João de Malta, governador e capitão general das capitanias de Matto Grosso e Cuyabá, &c. Faço saber aos que esta minha carta patente virem, que tendo a nação dos Indios Guaycurús ou Cavalleiros solemnemente contractado perpetua paz e amizade com os Portuguezes, por um termo judicialmente feito, no qual os chefes João Queima de Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira, em nome de sua nação, se sujeitaram e protestaram uma cega obediencia ás leis de S. M., para serem de hoje em diante reconhecidos como vassallos da mesma senhora: mando e ordeno a todos os magistrados, officiaes de justiça e guerra, commandantes e mais pessoas de todos os dominios de S. M., os reconheçam, tratem e auxiliem com todas as demonstrações de amizade. E para firmeza do referido lle mandei passar a presente carta patente, por mim assignada e sellada com o sinete das minhas armas. Nesta capital de Villa-Bella, aos 30 de Julho de 1791. *João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.* »

Acabado este solemne acto, deu o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. governador e capitão general um esplendido banquete a todas as pessoas que assistiram á cerimonia, e depois despediu os capitães, tendo gasto muito da sua propria fazenda, e continúa a gastar até hoje, de que sou boa testemunha, visto estar ha mais de tres annos servindo de commandante do presidio

de Nova Coimbra, e correrem portanto por minha mão os mimos que faz a toda aquellá nação e á dos Guayanás.

Por este modo foi pelo Ex.^{mo} Sr. governador e capitão general concluido o importantissimo serviço, ao qual lançou os primeiros fundamentos o seu Ex.^{mo} irmão e antecessor Luiz de Albuquerque.

Chegados enfim ao presidio de Coimbra os novos vassallos de Portugal, o sargento mór commandante recebeu-os com festas, e os mandou levar á sua aldêa, onde ao chegarem se levantou uma grita de alegria entre os gentios, ao qual responderam os estrondos dos nossos arcabuzes, que rompiam as ares de tal sorte que se não ouviam as vozes. As mulheres, que não estavam acostumadas a semelhantes estrondos, julgavam ver o fim do mundo; e tomadas de terror, contra os peitos apertavam os tenros filhos, dos quaes uns cobriam os olhos com o fraco braço, e outros com a bocca aberta e os olhos espantados acompanhavam a mãe no susto. Os velhos inertes, encostados ao bordão, procuravam endireitar-se para melhor verem caso tão novo, como era o de virem os seus capitães calçados e fardados, a cuja vista tres vezes moveram a tremula cabeça e puzeram a mão na bocca; porém, passado o primeiro susto, os receberam nos braços e nos corações, e com os joelhos em terra lhes fizeram o primeiro acatamento, não se saciando de os ver, por muitas vezes os terem chorado mortos: não podiam acabar de crer que fossemos capazes de os deixar com vida depois das offensas que nos tinham feito. É de admirar que homens sem religião se fiassem tanto da virtude alheia.

Depois disto continuam elles a vir em magotes ao presidio da Nova Coimbra nas canoas, em tempo de aguas, e a cavallo na sêcca. Sempre são bem recebidos e tratados, em virtude das ordens que para isso ha. Arranchando-se fóra da estrada, em suas casas de esteiras, entram dentro do forte de dia e desarmados, e depois do toque de Trindades sahem para fóra e só entram os capitães. Em todo este tempo tem dado provas de sincera amizade, tanto que no anno de 1793 restituiram dous escravos, que tinham fugido do presidio para suas terras. Com accelerados passos tenho percorrido pelo largo transumpto de quasi um seculo, que a

nação Guaycurú tem sido fatal aos Portuguezes; e me acho no ultimo ponto, que prometti tratar no principio desta historia, o qual pertence aos Hespanhóes: por elle passarei abreviadamente, como por cousa estranha.

Pelo meio do seculo passado acabaram os Guaycurús de arruinar a pequena cidade de Gera, a qual os Paulistas tinham principiado a destruir. Os Hespanhóes que escaparam foram fundar a villa de Teguego, nas margens do Paraguay, d'onde tambem fugiram perseguidos dos mesmos inimigos. Os Guaycurús os perseguem na villa de Curambati, que fundaram em Villa Rica, sua colonia, em Belém, e mesmo nos subúrbios da cidade d'Assumpção, capital d'aquella grande provincia, umas vezes abrazando as casas e matando seus habitantes, outras roubando-lhes os cavallos e gados, e destruindo-lhes as sementeiras.

Na provincia de Xiquitos fizeram maiores males, depois que o cura do povo do Santo Coração, haverá 35 annos, em tempo de paz prendeu a muitos e usou com elles de bastante rigor. Deste captiveiro fugiram alguns, e d'ahi veio o obrigar, no anno de 1785, a mudar o dito povo do Santo Coração 35 leguas mais para um lado, e roubarem-lhe os gados, cavallos e gente, que conservam por captivos, passando desta sorte os miseraveis habitantes daquella provincia ao barbarismo de que seus pais tinham sahido.

Desde então foi que os povos de Santo Coração, S. Tiago e S. João ficaram no estado de abatimento em que hoje se vêem; as aldeas ermas, as casas reduzidas a pedieiros, os campos sem cultura; tudo, enfim, em tal estado, que faz suppôr a um viajante que aquella provincia acaba de soffrer uma devorante peste, uma guerra de religião, ou algum monstro, que com o seu corrupto halito tem inficiado tudo o que é criado sensível.

Os Guaycurús, que assistem do Fecho dos Morros para baixo; tem paz com os Hespanhóes da provincia do Paraguay desde a era de 1774: esta alliança foi feita por via de um padre, que levado das suas inclinações soube introduzir-se entre os selvagens, dos quaes seguiu todos os costumes, deixou arrancar as sobranceiras e pestanas, casou-se entre elles, teve filhos, e por esta fórma livrou a sua patria das

continuas hostilidades que soffria destes barbaros, e adquiriu nome de justo entre a plebe hespanhola.

A este padre, de quem já tratei por duas vezes, devo a noticia das eras em que se alliam e se separaram os Guaycurús e Payagoás, e igualmente a maior parte das noticias dos seus extravagantes costumes. Os Guaycurús que habitam do dito Fecho dos Morros para cima fazem aos Hespanhóes todos os damnos que podem; e são os que conservam hoje fiel amizade aos Portuguezes. Si me é permitido patentear os meus sentimentos, direi que desejo que esta alliança seja permanente, para gloria de Deus, serviço de S. M., e socgo dos moradores de S. Paulo e moradores da villa de Cuyabá.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

1.ª SESSÃO EM 1 DE DEZEMBRO DE 1838.

PRESIDENCIA DO EX.^{mo} SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO.

Foram propostas e approvadas diversas pessoas para membros effectivos, correspondentes e honorarios.

O Ill.^{mo} Sr. conego Januario da Cunha Barboza apresentou as tres seguintes propostas, que foram unanimemente approvadas:

1.ª Proponho que o Instituto peça a S. M. I. que aceite o titulo de seu protector.

2.ª Proponho que se organisa uma instrucção sobre o modo de haver noticias historicas e geographicas acerca do Brazil, para remetter aos nossos correspondentes, e poder melhor delles haver os manuscritos e outros objectos que nos possam ser uteis.

3.ª Proponho que na proxima sessão entre já em discussão o ponto seguinte: — Determinar-se as verdadeiras épocas da historia do Brazil, e se esta se deve dividir em antiga e moderna, ou quaes devem ser suas divisões.

O Sr. marechal Cunha Mattos leu parte de um seu trabalho sobre os mappas geographicos.